



AULA AO VIVO – PORTUGUÊS - LÚCIA DEBORAH
REVISÃO ENEM 10 – 19/10/2013

B e t t y M i l a n

O p o d e r d a p a l a v r a

1	A vida não é fácil e se torna impossível quando dizemos o que não deve ser dito. Com essa frase, eu poderia ter concluído a resposta dada a uma leitora da minha coluna eletrônica em VEJA.com, que corre o risco de prejudicar gravemente a própria filha por ser incapaz de se conter. (...)
5	Não é preciso muito para perceber que essas falas – mortíferas – são uma condenação à infelicidade mútua. (...) Mais comuns do que imaginamos, dão o que pensar sobre o poder da palavra. Com ela, nasce o amor que move o sol e as estrelas, o doente pode curar-se e o morto segue para outro mundo sem deixar de existir no mundo dos vivos. Com ela, o consolo se torna possível e a dor da perda pode ser superada. A palavra serve para unir, curar, consolar... Mas também para desunir, prejudicar, desesperar... Em <i>Grande Sertão: Veredas</i> , Guimarães Rosa escreveu que viver é perigoso. Se substituirmos "viver" por "falar", teremos uma máxima igualmente verdadeira, pois falar também implica cuidado. Daí a razão pela qual se diz que o silêncio é de ouro. Mas quem não fala não se liga realmente aos outros. Para encantar, é preciso correr o risco de decepcionar. Para ser aprovado, é preciso expor-se à desaprovação. Portanto, é imperativo falar. Isso significa que só nos resta saber falar, ou seja, não dizer o que não deve ser dito. Só resta a prudência, que, além de necessária, é possível, embora suponha vigilância contínua. Nós nos fazemos por meio da palavra, e, no entanto, a consciência disso é insuficiente. Porque não somos educados para escutar o que dizemos. Como se essa educação devesse ser privilégio do psicanalista, e não um recurso ao alcance de todos. O fato é que poucos são capazes de escutar-se, e essa incapacidade é a maior razão do conflito entre as pessoas e os povos. Quem se escuta está mais preparado para fazer bom uso da palavra. Para usá-la como um fio que conecta ao outro, e não como uma espada que separa e mata. A sorte depende menos do que nós possuímos do que do nosso controle, o de que nos tornamos capazes por termos aprendido a escutar o outro e nos escutar.
10	
15	
20	
25	

(Veja, 03 de junho de 2009)

1. *Não é preciso muito para perceber que essas falas – mortíferas – são uma condenação à infelicidade mútua.*

O trecho destacado do 2º. parágrafo apresenta vínculos com elementos textuais explícitos e implícitos, que são retomados anaforicamente. Assinale a alternativa em que o elemento sublinhado está corretamente descrito quanto a esse vínculo coesivo:

- (A) essas falas = resposta dada pela colunista à leitora
- (B) infelicidade mútua = relação entre leitor e revista Veja
- (C) muito = o que não deve ser dito
- (D) mortíferas = essas falas
- (E) condenação = risco

2. No texto, a voz da autora se combina com as de outros enunciadores e, em alguns momentos, com a sua própria, vinda de enunciados feitos em momentos anteriores ou como representação de um comentário seu relativo ao que esteja dizendo. Assinale a alternativa em que o enunciado representa uma fala original da autora:

- (A) A vida não é fácil e se torna impossível quando dizemos o que não deve ser dito. (l. 1)
- (B) – *mortíferas* – (l. 5)
- (C) viver é perigoso (l. 12)
- (D) o silêncio é de ouro (l. 13)
- (E) poucos são capazes de escutar-se (l. 21)

3. Segundo o texto, o poder da palavra está, especificamente:

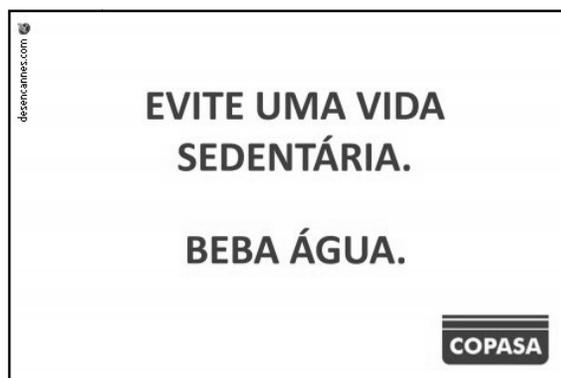
- (A) em tornar a vida impossível quando não é dita
- (B) na consciência insuficiente do que fazemos por meio dela
- (C) na capacidade de moldar pessoas
- (D) na infelicidade mútua que é produzida pelo silêncio dos reais pensamentos
- (E) na possibilidade de existir além do mundo dos vivos

4. No trecho *Quem se escuta está mais preparado para fazer bom uso da palavra* (l. 22), a palavra SE assume valor reflexivo. Assinale a alternativa em que a palavra sublinhada NÃO TEM ESSE VALOR:

- (A) e se torna impossível quando dizemos o que não deve ser dito (l1)
- (B) Para ser aprovado, é preciso expor-se à desaprovação. (l.15)
- (C) Como se essa educação devesse ser privilégio do psicanalista (l. 19-20)
- (D) Nós nos fazemos por meio da palavra (l.18)
- (E) por termos aprendido a escutar o outro e nos escutar (l. 24-25)

5. No 3º. parágrafo, a autora coloca em discussão o poder da palavra. Para isso, utiliza-se de estratégias argumentativas de tipos variados. Assinale a alternativa que apresenta uma estratégia QUE NÃO TENHA SIDO UTILIZADA nesse parágrafo:

- (A) citação
- (B) exemplificação
- (C) contra-argumentação
- (D) analogia
- (E) causalidade



6. O anúncio acima é parte de um exercício criativo do meio publicitário. Nele, o autor produz um jogo verbal que tem como pressuposto, para que o efeito pretendido se verifique, que o leitor:

- (A) admita a necessidade de mudar comportamentos quanto à ingestão de água.
- (B) perceba a existência incompatibilidade etimológica e semântica nos comandos do texto.
- (C) compreenda que viver no sedentarismo é prejudicial à hidratação do organismo
- (D) deixe de lado o comportamento aculturado de ingerir refrigerantes
- (E) valorize a questão ecológica do uso consciente da água.

Brasil

*O Zé Pereira chegou de caravela
E perguntou pro guarani da mata virgem
- Sois cristão?
- Não. Sou bravo, sou forte, sou filho da Morte
Teterê tetê Quizá Quizá Quecê!
Lá longe a onça resmungava Uu! ua! uu!
O negro zonzo saído da fomalha
Tomou a palavra e respondeu
- Sim pela graça de Deus
Canhem Babá Canhem Babá Cum Cum
E fizeram o Carnaval*

(Oswald de Andrade)

7. Este texto apresenta uma versão humorística da formação do Brasil, mostrando-a como uma junção de elementos diferentes. Considerando-se esse aspecto, é correto afirmar que a visão apresentada pelo texto é

- (A) ambígua, pois tanto aponta o caráter desconjuntado da formação nacional, quanto parece sugerir que esse processo, apesar de tudo, acaba bem.
- (B) inovadora, pois mostra que as três raças formadoras – portugueses, negros e índios – pouco contribuíram para a formação da identidade brasileira.
- (C) moralizante, na medida em que aponta a precariedade da formação cristã do Brasil como causa da predominância de elementos primitivos e pagãos.
- (D) preconceituosa, pois critica tanto índios quanto negros, representando de modo positivo apenas o elemento europeu, vindo com as caravelas.
- (E) negativa, pois retrata a formação do Brasil como incoerente e defeituosa, resultando em anarquia e falta de seriedade.

8. A polifonia, variedade de vozes, presente no poema resulta da manifestação do (A) poeta e do colonizador apenas.
- (B) colonizador e do negro apenas.
 - (C) negro e do índio apenas.
 - (D) colonizador, do poeta e do negro apenas.
 - (E) poeta, do colonizador, do índio e do negro

O jivaro

Um Sr. Matter, que fez uma viagem de exploração à América do Sul, conta a um jornal sua conversa com um índio jivaro, desses que sabem reduzir a cabeça de um morto até ela ficar bem pequenina. Queria assistir a uma dessas operações, e o índio lhe disse que exatamente ele tinha contas a acertar com um inimigo.

O Sr. Matter:

— Não, não! Um homem, não. Faça isso com a cabeça de um macaco.

E o índio:

— Por que um macaco? Ele não me fez nenhum mal! (Rubem Braga)

9. O assunto de uma crônica pode ser uma experiência pessoal do cronista, uma informação obtida por ele ou um caso imaginário. O modo de apresentar o assunto também varia: pode ser uma descrição objetiva, uma exposição argumentativa ou uma narrativa sugestiva. Quanto à finalidade pretendida, pode-se promover uma reflexão, definir um sentimento ou tão-somente provocar o riso.

Na crônica *O jivaro*, escrita a partir da reportagem de um jornal, Rubem Braga se vale dos seguintes elementos:

- (A) aborda o contato intercultural através de uma descrição objetiva, como forma de criticar o eurocentrismo
- (B) parte de um relato pessoal e, narrando o ocorrido, elabora reflexões sobre a hierarquia entre raças
- (C) parte de uma situação verossímil e a apresenta em modo narrativo, com o objetivo de questionar os valores das diferentes culturas
- (D) parte de uma situação imaginada e a descreve, para demonstrar que, para o nativo, macacos valem mais do que homens
- (E) usa relatos de viajantes para argumentar em torno da identidade cultural de cada povo e estabelecer a supremacia do mundo civilizado

ENSINAR É PARA OS MELHORES

“Poucas escolas de formação de professores têm a capacidade do Instituto Nacional de Educação, em Cingapura – sob o comando de Lee Sing Kong, 57 anos. À faculdade credita-se muito do rápido avanço da educação no país, que partiu de um patamar semelhante ao africano, em 1960, para figurar hoje entre os melhores do mundo em sala de aula.”

10. Quanto à organização do texto informativo “Ensinar é para os melhores”, é possível afirmar que:

- (A) O segundo período tem função explicativa quanto ao primeiro, cujo compromisso está em apresentar um fato concreto, mas de forma sutilmente avaliativa.
- (B) O primeiro período apresenta a consequência do que se afirma no segundo período.
- (C) Não há qualquer conexão entre o primeiro e o segundo períodos, já que mantêm independência sintática e semântica.
- (D) A estrutura do segundo período apresenta-se organizada em informação principal, informação causal e indicação de finalidade.

- (E) O uso da pontuação no primeiro período define trechos de mesma função, que seriam mutuamente substituíveis.

11. O título do texto apresenta um aproveitamento vocabular que se explica, essencialmente:

- (A) pela derivação regressiva
- (B) pelo uso da conversão
- (C) pela presença de verbos adjetivados
- (D) pelo uso do particípio como forma de generalização
- (E) pela justaposição

A obamanização do mundo

15/06/2009

LISBOA - *Estou cansado da obamanização do mundo. Inventei agora a palavra. Vocês sabem o que ela significa: a obamanização consiste em substituir a realidade pela fantasia, esperando que nos quatro cantos do globo surja sempre um candidato capaz de imitar a retórica bondosa e evangelista do original Barack. (...)*

Aconteceu agora no Irã. Li os jornais disponíveis. Acompanhei as reportagens televisivas. O tom era semelhante: pela primeira vez desde 1979, altura em que Khomeini deixou o seu exílio dourado em Paris para regressar a Teerã, os iranianos iriam escolher novo presidente. Pior: iriam escolher um "moderado" (Mousavi) por oposição a essa grotesca criatura chamada Ahmadinejad.

A fantasia esquecia dois pormenores básicos, quase dolorosos. Primeiro: o Irã não é uma democracia. O Irã é uma teocracia, o que significa que as decisões (iniciais e finais) pertencem ao Líder Supremo, Khamenei. (...)

E agora? Agora, coisa nenhuma. A vitória de Ahmadinejad, seguramente forjada, cumpriu na perfeição o roteiro pré-definido pela teocracia iraniana. O que significa que, depois dos Guardas Revolucionários fazerem o seu trabalho, prendendo ou espancando os manifestantes, o Irã continuará o seu glorioso caminho rumo à pobreza, à opressão das suas minorias e, claro, à bomba nuclear, para uso cirúrgico contra Israel. A obamanização do mundo é uma idéia simpática. As idéias simpáticas, pelos vistos, não chegam a Teerã.

(COUTINHO, João Pereira. In: Pensata. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/pensata/joaopereiracoutinho/ult2707u580884.shtml>)

12. A linguagem jornalística pode apresentar diferentes facetas, conforme o gênero textual em que seja aplicada. Nas notícias, observa-se um grau mais elevado de formalidade; nas colunas assinadas, nota-se uma aproximação, muitas vezes, entre a linguagem escrita e a falada. Ao criar o termo obamanização, o autor tem um procedimento que deixa claro que:

- (A) ao falante não é dado alterar o sistema lingüístico, sob pena de prejudicar sensivelmente o trato comunicativo
- (B) a criatividade linguística pode ser exercida como meio de se buscar uma expressão adequada de eventos novos e novas realidades sociais
- (C) a figura de Barack Obama se impõe a todo o mundo, de forma irresistível, moldando-o segundo os padrões americanos
- (D) o autor vê como inevitável o domínio americano sobre o Irã, cuja democracia apresenta-se em crise por força da última eleição presidencial
- (E) a fusão de obama com iranização produz um vocábulo de valor ambíguo, já que o autor acha simpática a obamanização, mas está cansado dela

13. Em dois momentos, o autor do texto usa a palavra AGORA:

"Aconteceu agora no Irã." (2º. Parágrafo)
"E agora? Agora, coisa nenhuma." (4º. Parágrafo)

Quanto ao valor semântico verificável nesses usos, pode-se afirmar que:

- (A) é o mesmo nas duas situações.
- (B) Apresenta-se vinculado ao presente pontual no 2º. Parágrafo e ao passado, no 4º. Parágrafo.
- (C) Apresenta-se vinculado ao passado recente no 2º. Parágrafo e ao presente pontual no 4º. Parágrafo
- (D) Refere-se ao passado remoto no 2º. Parágrafo e ao presente pontual no 4º. Parágrafo.
- (E) Vincula-se ao passado recente no 2º. Parágrafo e indica desdobramento futuro no 4º. Parágrafo.

14. A intencionalidade do autor pode ser percebida pelo leitor atento, que não deixa escapar os índices de subjetividade e as distorções de sentido de caráter expressivo. Assim, torna-se possível ler além do dito, percebendo-se a postura, a ideologia de quem produz o texto. Dentre os fragmentos a seguir, o único que NÃO APRESENTA atitude crítica por parte do autor é:

- (A) "A vitória de Ahmadinejad, seguramente forjada, cumpriu na perfeição o roteiro pré-definido pela teocracia iraniana." (4º. parágrafo)
- (B) "(...)o Irã continuará o seu glorioso caminho rumo à pobreza, à opressão das suas minorias e, claro, à bomba nuclear, para uso cirúrgico contra Israel." (4º. parágrafo)

- (C) “A obamanização do mundo é uma idéia simpática.” (4º. parágrafo)
- (D) “O Irã é uma teocracia, o que significa que as decisões (iniciais e finais) pertencem ao Líder Supremo, Khamenei.” (3º. parágrafo)
- (E) “A fantasia esquecia dois pormenores básicos, quase dolorosos.” (3º. parágrafo)

15. Ao criar o neologismo OBAMANIZAÇÃO, o autor do texto lança mão de um sufixo (-IZAR), cujo papel pode ser adequadamente descrito como o de:

- (A) produzir verbos a partir de substantivos e indicar estado
- (B) produzir substantivos a partir de verbos e indicar consequência
- (C) produzir verbos a partir de substantivos e indicar ação
- (D) produzir adjetivos a partir de verbos e indicar modo
- (E) produzir substantivos a partir de substantivos e indicar ação

GABARITO

REVISÃO ENEM – LÚCIA DEBORAH – 19/10/2013

Questão	Gabarito	Habilidade
1	D	H18 - Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.
2	E	H25 - Identificar, em textos de diferentes gêneros, as marcas linguísticas que singularizam as variedades linguísticas sociais, regionais e de registro.
3	C	H22 - Relacionar, em diferentes textos, opiniões, temas, assuntos e recursos linguísticos.
4	C	H27 - Reconhecer os usos da norma padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.
5	E	H24 - Reconhecer no texto estratégias argumentativas empregadas para o convencimento do público, tais como a intimidação, sedução, comoção, chantagem, entre outras.
6	B	H23 - Inferir em um texto quais são os objetivos de seu produtor e quem é seu público alvo, pela análise dos procedimentos argumentativos utilizados.
7	A	H15 - Estabelecer relações entre o texto literário e o momento de sua produção, situando aspectos do contexto histórico, social e político.
8	E	H19 - Analisar a função da linguagem predominante nos textos em situações específicas de interlocução.
9	C	H18 - Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.
10	A	H29 - Identificar pela análise de suas linguagens, as tecnologias da comunicação e informação.
11	B	H27 - Reconhecer os usos da norma padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.
12	B	H30 - Relacionar as tecnologias de comunicação e informação ao desenvolvimento das sociedades e ao conhecimento que elas produzem.
13	E	H3 - Relacionar informações geradas nos sistemas de comunicação e informação, considerando a função social desses sistemas.
14	D	H19 - Analisar a função da linguagem predominante nos textos em situações específicas de interlocução.
15	C	H26 - Relacionar as variedades linguísticas a situações específicas de uso social.